

# DINÂMICAS DE PODER EM *O CONTO DA AIA*: UMA ANÁLISE BASEADA EM MICHEL FOUCAULT

POWER DYNAMICS IN THE HANDMAID'S TALE:  
AN ANALYSIS BASED ON MICHEL FOUCAULT

## **Michelle Matos**

Especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior pelo Centro Universitário Internacional (Curitiba/Brasil).  
Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
E-mail: michellegmatoss@gmail.com

## **Jackson Medeiros**

Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
E-mail: jmedeiros@ufrgs.br

Recebido em: 18 de outubro de 2025  
Aprovado em: 15 de dezembro de 2025  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RPR | a. 23 | n. 1 | p. 310-321 | jan./jun. 2026  
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.4108>

**RESUMO**

Este artigo investiga manifestações de poder na obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, com base em proposições de Michel Foucault. Utilizando uma abordagem bibliográfica, exploramos ideias foucaultianas sobre o funcionamento do poder que atravessa instituições, discursos e práticas sociais. A análise indica que *O Conto da Aia* não apenas materializa os conceitos de Foucault sobre poder, mas também amplia essa discussão, convidando à reflexão sobre dinâmicas sociais contemporâneas e os riscos de regimes autoritários. Compreendemos, então, que a obra alerta para a necessidade de questionar e resistir a estruturas de dominação que se naturalizam ao longo do tempo, reafirmando a importância do pensamento crítico e da luta pela liberdade e dignidade humana.

**Palavras-chave:** Poder. Michel Foucault. *O Conto da Aia*. Vigilância. Biopolítica.

**ABSTRACT**

This paper investigates manifestations of power in *The Handmaid's Tale* by Margaret Atwood, based on Michel Foucault's propositions. Using a bibliographic approach, we explore Foucauldian ideas on the operation of power as it permeates institutions, discourses, and social practices. The analysis indicates that *The Handmaid's Tale* not only materializes Foucault's concepts of power but also expands this discussion, inviting reflection on contemporary social dynamics and the dangers of authoritarian regimes. Thus, we understand that the novel serves as a warning about the need to question and resist structures of domination that become naturalized over time, reaffirming the importance of critical thought and the struggle for freedom and human dignity.

**Keywords:** Power. Michel Foucault. *The Handmaid's Tale*. Surveillance. Biopolitics.

## 1 INTRODUÇÃO

Relações de poder podem ser encontradas em cada uma das formas de organização das sociedades, manifestando-se em mecanismos de controle, vigilância e normalização que moldam comportamentos e subjetividades. Michel Foucault, por exemplo, propõe que a mecânica do poder atua como uma rede capilarizada que atravessa instituições, discursos e práticas sociais, ao invés de algo centrado numa única autoridade, encontrando os indivíduos e seus corpos, compondo a própria prática social e política.

Na literatura, os campos de abordagem dessas ideias são infindáveis. O espaço para investigar e projetar essas sociedades de condições controladas encontra terreno fértil em narrativas que retratam contextos de repressão e controle, como exposto pela história do livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, ao apresentar uma estrutura de poder que controla corpos, identidades e discursos dentro de um regime.

Partindo dessa perspectiva, objetivamos refletir sobre como dinâmicas de poder em *O Conto da Aia* são estruturadas e exercidas, tomando como pontos de apoio elementos constitutivos sobre análises de poder apresentadas por Michel Foucault, buscando, a partir de análise bibliográfica, traçar paralelos e destacando processos de controle sobre os corpos femininos e estratégias de resistência. Para a consecução, faremos uma exploração austera de proposições foucaultianas para depois apresentarmos elementos da obra *O Conto da Aia*. Isso permite tecer algumas considerações sobre a estruturação das relações de poder apresentadas na obra.

## 2 ENTREMEIOS DE MICHEL FOUCAULT

Nesta seção apresentamos algumas conceituações e ideias de Michel Foucault que permitem uma análise sobre o poder em relação à proposta deste trabalho. Foucault (1926-1984), filósofo francês reconhecido por suas contribuições ao pensamento crítico contemporâneo, desenvolveu uma abordagem diferenciada sobre relações de poder, deslocando o foco do poder como algo centralizado em instituições ou indivíduos para compreendê-lo como uma rede capilar, uma força que não apenas é emanada de centros de poder, mas que os atravessa e está presente e ativa em todas as relações sociais, circulante. Essa forma de poder não é apenas repressiva, mas também produtiva, pois não atua somente para proibir ou limitar, mas também para criar discursos e formas de ser. "O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia; ele jamais está localizado aqui ou ali, jamais está nas mãos de alguns, jamais é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e é exercido em rede" (Foucault, 2014, p. 284).

A capilaridade do poder é dada pela disseminação difusa e multifacetada em forma microfísica presente em todos os níveis das relações humanas, estabelecendo possibilidades e práticas sociais dos sujeitos

que se coordenam a partir de formas de negociação, cooperação e resistência que moldam como o poder é exercido. Assim, o poder não é algo que apenas se possui ou se perde, mas algo que se manifesta em práticas diárias, frequentemente de maneira invisível. Por exemplo, na relação professor e aluno, em um ambiente escolar, por mais que entendamos que o professor detém o poder sobre o aluno de forma unidirecional, o aluno pode desafiar ou questionar o conteúdo abordado pelo professor, trazendo suas próprias ideias ou experiências para o debate, o que pode levar a uma renegociação de como o ensino se dá naquele momento. Dessa forma, o poder não se apresenta como uma simples imposição, mas como uma rede de interações em que circula, sendo o que implica as práticas cotidianas.

Para que essa regulação funcione, Foucault menciona a importância da vigilância e da disciplina como poderes visíveis e coercitivos, como mostrada na ideia do panóptico, um modelo de Jeremy Bentham no século XVIII. O panóptico consiste em uma estrutura de vigilância circular onde um único vigia pode observar todos os prisioneiros sem ser visto por eles, ao mesmo tempo em que a estrutura se impõe na demonstração de controle. A possibilidade de ser observado constantemente, mesmo sem saber exatamente quando ou se está sendo vigiado, cria um estado de autovigilância no qual os prisioneiros se ajustam às normas sem que haja necessariamente punições físicas, sustentando a condição de uso ou não direto da força, mas estabelecendo um sistema no qual os indivíduos se autorregulam devido à possibilidade constante de estarem sendo observados e à ameaça imposta.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (Foucault, 1979, p. 224).

É no corpo que Foucault descreve a atuação da disciplina. O corpo transformado em objeto de vigilância e controle possibilita organização e divisão de espaços e tempos, bem como o seu condicionamento a um regime de produtividade e eficácia. A disciplina é, portanto, uma forma de controle que atua desde os pequenos gestos e posturas dos indivíduos até os hábitos mais amplos e generalizados da vida diária. Ao disciplinar o corpo, a sociedade não apenas regula o comportamento, mas também molda a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos e suas próprias ações. A transformação do corpo em algo passível de monitoramento constante e a internalização da disciplina resultam na formação de um sujeito autocontrolado e normativo.

Se entendermos com Foucault o uso dos corpos como objeto de poder, a ideia de biopoder ultrapassa a disciplina e pode ser tomada como um dos pilares da sua teoria. Refere-se a um tipo específico de poder que, ao contrário do poder soberano que poderia ser exercido através da imposição do medo da morte, é dado pela administração da vida em sociedade. O filósofo introduz esse conceito em *História da Sexualidade I*, onde analisa como os regimes modernos passaram a se preocupar com a organização das populações, regulando a vida de seus cidadãos de maneira sistemática e profunda. Para ele (1976, p. 148), “o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função dos seus reclames”, intimamente ligado ao controle dos corpos e à construção de formas de subjetividade que se ajustam às exigências do próprio poder, trazendo à tona tanto a regulação quanto a positividade necessária para a manutenção ou aprimoramento do sistema em voga.

O biopoder funciona como uma técnica de gestão da população ao controlar a vida e as condições em que as pessoas vivem e se desenvolvem, buscando formas de regularização e otimização impondo discursos que envolvam a maximização de suas potências em prol da produtividade e da obediência a sistemas e normas sociais que escamoteiam sentidos de pretensa liberdade. Neste âmbito, o Estado é ente importante pois desenvolve práticas de controle como censos, regulamentações de saúde, educação e até mesmo de políticas reprodutivas. Essas técnicas de gestão de vida formam indivíduos treinados a funcionar dentro de certos limites impostos pela norma social e política, alcançados pelas redes de vigilância e de controle, buscando garantir a normalização e a organização das pessoas, bem como suas atitudes e comportamentos. É importante notar que o biopoder, ancorado na biopolítica, não propõe o esquecimento do poder disciplinar; na realidade, amplifica-o, sendo uma tecnologia de poder que não se concentra mais apenas no corpo individual, mas na regulação da vida em escala coletiva.

É possível perceber que o corpo, então, deixa de ser apenas o território do indivíduo e passa a ser alvo direto de intervenção do poder externo. Isso manifesta-se em práticas que compõem a disciplina para a produtividade regulada, como os regimes alimentares, o controle sobre a reprodução e até as formas de sociabilidade. Outro exemplo se concentra no contexto da sexualidade. O biopoder se manifesta nas maneiras pelas quais as práticas sexuais são reguladas, orientadas e institucionalizadas. A sociedade moderna exerce vigilância sobre as práticas sexuais não apenas por motivos morais, mas por controle e produtividade onde corpos reprodutivos, especialmente os femininos, são vistos como um recurso a ser regulado.

Tomando esse processo, chegamos à ideia que a partir da modernidade surge um novo tipo de governamentalidade que tem como objetivo não apenas controlar os corpos, mas administrar a vida.

Isso se reflete no crescimento de instituições e práticas voltadas para a segurança, a saúde pública, a urbanização e o mercado. Por esse caminho, os corpos são vistos como uma mercadoria produtora de mercadorias, fazendo com que seja necessária sua gestão para deles extrair o máximo de produtividade possível.

Nesses contextos, Foucault coloca ênfase na produção de discursos como uma forma crucial de exercer controle sobre os indivíduos e as populações, conhecido como o poder sobre os saberes. De acordo com o autor, o que é considerado verdade em uma sociedade não é algo natural ou universal, mas, sim, um produto das relações de poder que determinam quais discursos são aceitáveis, quais conhecimentos são valorizados e, conseqüentemente, quais formas de vida são normatizadas. “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (Foucault, 2014, p. 52). O autor explica ainda que os sistemas de poder são constitutivos dos discursos que definem o que é verdade e que esses discursos são disseminados em todas as esferas sociais, criando uma forma de conhecimento dominante que é amplamente aceito e internalizado.

Foucault situa que, ao se estabelecer como verdade, o discurso exerce um poder sutil, mas profundo, sobre os indivíduos. A produção de uma verdade aceita em uma sociedade, então, não é algo neutro, mas uma maneira de reforçar as hierarquias e as relações existentes, moldando o comportamento e as subjetividades. As verdades produzidas em um determinado contexto social e histórico tornam-se as lentes pelas quais as pessoas veem o mundo e veem a si mesmas.

Ao refletirmos sobre essas ideias, fica mais claro como as práticas de controle se infiltram nas estruturas da vida cotidiana. Foucault não apenas transforma a forma de compreender o poder, mas também faz questionar como ele se manifesta nas formas de governo da vida, nas práticas institucionais e até mesmo nas esferas mais íntimas. O corpo, a sexualidade e os discursos de verdade, ao serem regulados por essas forças, não apenas garantem a conformidade, mas também moldam a própria subjetividade humana. Neste contexto, as análises das relações de poder, como as abordadas por Foucault, encontram uma nova expressão no campo da literatura, onde os mecanismos de controle e resistência ganham forma e força.

### **3 UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER EM *O CONTO DA AIA***

Nesta seção, apresentamos algumas dinâmicas narradas no romance distópico *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, que consideramos importantes para nossa análise. Não pretendemos aqui estabelecer

uma descritividade da história contada na obra, mas, sim, buscar elementos que constituem retratos ambientados em uma república onde a liberdade de expressão e o acesso à cultura foram abolidos. Nesse cenário, jornais, livros, revistas e filmes deixaram de existir, assim como as universidades. No livro, com um relato detalhista em primeira pessoa de June, o leitor embarca nessa nova realidade acompanhando o seu dia a dia e como ela sobrevive em meio a opressão, possibilitando compreender como a sociedade chegou nesse ponto através dos seus relatos de lembranças do passado, histórias da família e dos amigos e no entrelaçar de histórias de outras Aias.

Dentro da Literatura, distopia é conhecida como qualquer representação de uma organização social, seja país, estado, nação etc., geralmente num tempo futuro, que apresenta condições de vida insuportáveis para grupos sociais e que tem como objetivo criticar a sociedade atual ou, de certa forma, debochar dos cenários utópicos criados pela nossa sociedade. Para Claeys (2017), "As distopias literárias são um aviso contra o progresso descontrolado, questionando até onde as sociedades podem ir antes de perder sua humanidade".

No texto de Atwood, os Estados Unidos sofrem um golpe de estado de um grupo de extremistas religiosos que tomam o poder após vários ataques coordenados, resultando na morte do presidente e na suspensão da constituição do país. O grupo que orquestrou o golpe, idealizando uma estrutura social teocrática e patriarcal, é denominado "Os Filhos de Jacó" e se colocam como a salvação para um país com problemas como corrupção, caos ambiental e tomado por pecados. Para o grupo, igualdade de gênero, liberdade sexual, diversidade cultural, liberdade de expressão e independência feminina são pecados graves, muitas vezes punidos com mutilação ou execução.

A República de Gilead ocupa esse território que um dia foram os Estados Unidos da América e que agora está governada por um regime teocrático e totalitário que tem como principal alvo de opressão as mulheres que vivem sob um sistema de dominação sem precedentes. Gilead foi instaurada a partir de uma promessa de proteger o povo, porém, tudo o que era conhecido como uma sociedade se transforma muito rapidamente e o povo começa a sofrer as consequências da tirania do governo. Com leis baseadas em escritos bíblicos fundamentalistas e deturpados, as mulheres começam a perder seus empregos, o dinheiro que receberiam vai direto para o marido, as fronteiras com outros países são totalmente fechadas e os jornais censurados.

Para organização de classes, instaurou-se o uso de roupas específicas para cada uma delas, não somente como um sistema visual de hierarquia, mas também como uma ferramenta de despersonalização que restringe escolhas individuais: Aias usam vermelho; Esposas usam tons de azul-esverdeado; Marthas

usam verde-acinzentado; Tias usam marrom; Econoesposas usam uma mistura de cores; Guardas e Olhos usam preto; Não-mulheres usam cinza.

Cada uma dessas classes tem papel definido dentro da República de Gilead. As Aias têm o papel de procriar e representam, para o governo, a esperança de perpetuar a sociedade de Gilead. Quando férteis, são afastadas da sua família e obrigadas a servir, gerando os filhos dos Comandantes. Durante a gestação são mantidas na casa do Comandante aos cuidados da Esposa, porém, depois do nascimento são obrigadas a entregá-los e voltam para os quartéis gerais onde eram mantidas e depois enviadas para outra casa para repetir o ciclo. *O Conto da aia* é contado por uma das Aias, Offred ou June (nome oficial). Isso já reflete um apagamento de identidades e despersonalização, demonstrando ideia de posse dos Comandantes acerca das Aias através dos nomes dados a elas. A protagonista, June, é chamada de Offred, de "Of Fred", ou seja, "de Fred", nome do Comandante com quem ela está associada.

As Esposas usam vestidos elegantes e fazem parte da alta sociedade de Gilead por serem casadas com os Comandantes. Suas atividades incluem supervisionar os afazeres domésticos e representar a autoridade feminina dentro de casa. As Marthas são empregadas domésticas que fazem o trabalho de limpeza e organização da casa. As Tias são encarregadas de treinar e disciplinar as Aias, além de supervisionar sua conduta. As Econoesposas são mulheres casadas com homens de classes trabalhadoras, realizando múltiplas tarefas como cuidar da casa e dos filhos. A diferença das Econoesposas para as Esposas é a classe social que ocupam. Os Guardas e Olhos garantem a segurança, a ordem e são responsáveis por espionar os cidadãos. As Não Mulheres trabalham nas Colônias (áreas radioativas ou de trabalho forçado) como punição por sua improdutividade ou insubordinação.

Por essa descrição, é possível notar que em Gilead a sociedade é rigidamente estratificada e as classes são determinadas principalmente por fatores como gênero, fertilidade, poder político e, em alguns casos, a capacidade de trabalho. As definições de classe são amplamente impostas pelo regime totalitário e teocrático, sem espaço para mobilidade social, o que garante a manutenção do poder estabelecido com o agravante de que caso alguém não cumpra seus deveres pode ser rebaixada para uma classe inferior.

Outro ponto interessante é que a profissão de advogado foi extinta, já que não há mais direito à defesa e qualquer pessoa considerada criminosa é executada publicamente e seu corpo exposto em praça pública como advertência para a população. Os motivos para essa punição são determinados pelo regime, podendo se referir, por exemplo, a cantar músicas que incluam palavras proibidas pelo regime, como "liberdade".

É importante ressaltar que embora silenciosa e muitas vezes sutil, a resistência se manifesta de diversas maneiras, como na forma de pensamento crítico, na busca por pequenos atos de liberdade,



como o pensamento subversivo sobre o regime, ou através de alianças secretas com outras mulheres e figuras do sistema, como as Marthas. Cada tentativa de resistência é uma pequena faísca de autonomia em um mundo onde o controle é absoluto, e é através dessas resistências diárias, mesmo nas formas mais discretas, que June busca preservar sua humanidade e sua dignidade em meio à tirania de Gilead.

#### **4 ABORDAGENS FOUCAULTIANAS EM *O CONTO DA AIA***

Nesta seção são exploradas dinâmicas de poder representadas em *O Conto da Aia*, tomando a obra literária pela sua exposição de intensidade de um regime totalitário calcado em sistemas de poder que governam corpos e consciências de seus personagens. Não pretendemos seguir uma necessária ordem de fatores que constituem o sistema narrado, mas uma possibilidade analítica que demonstre a constituição de alguns desses elementos.

A vigilância é uma das formas constantes e mais controladoras na vida das mulheres de Gilead, especialmente sobre as Aias. Na perspectiva física, isso é feito para garantir a obediência e evitar a resistência e para isso são usados os “Olhos”, espões que monitoram e reportam qualquer comportamento fora do padrão estabelecido pelo governo: “Os Olhos de Deus passam por toda a terra.” (Atwood, 1985, p. 231). As mulheres também fazem denúncias de outras quando percebido algum desvio, principalmente as Esposas ou as Tias, o que demonstra uma sinergia de cooptação de corpos para utilização contra os próprios sujeitos vigiados. A presença constante de agentes gera um clima de desconfiança e a autocensura vira mecanismo de sobrevivência, podendo ser entendido como uma “sociedade disciplinar” de Foucault. Além da vigilância física, também encontramos no texto uma vigilância psicológica, onde as mulheres, especialmente as Aias, são constantemente lembradas de sua posição e função dentro da sociedade. Elas são repetidamente submetidas a discursos que reafirmam sua subordinação e sua vida é regulada por normas e rituais que reforçam o controle ideológico.

Caso alguma das regras estabelecidas seja descumprida ou algum desses vigilantes entenda que a regra foi descumprida, há punições disciplinares rígidas impostas sobre os residentes de Gilead, entre elas, a “parede de pedras” e o “muro”, execuções públicas. A “parede de pedra” é o apedrejamento em si, quando uma pessoa é acusada de adultério ou tentativa de fuga, ela é levada a público para que seja apedrejada e no “muro” acontecem os enforcamentos. Isto serve tanto como punição quanto para aviso aos demais sobre os perigos de quebrar qualquer uma das regras: “Vamos à igreja, como de hábito, e olhamos as sepulturas. Depois vamos ao Muro. Só dois pendurados nele hoje: um católico, porém não um padre, com um cartaz com uma cruz de cabeça para baixo, e alguma outra seita que não reconheço.” (Atwood, 1985, p. 238). Ora, o que se coloca aqui, além da vigilância, é uma espécie de construção

ideológica de medo que é internalizada e constitui corpos e mentes, evitando que outros sujeitos possam pensar sobre atos considerados de insubordinação. Como vimos, Foucault trata a disciplina que avança para o poder sobre o corpo como forma de regulação das populações, uma biopolítica. Acompanhando Foucault na análise sobre o corpo, é possível notar o controle que os governos ou instituições exercem sobre a vida das pessoas, ficando isso explícito no texto de Margaret Atwood através da gestão da população, da prática reprodutiva e dos corpos em geral.

Com especial destaque para o corpo feminino da narrativa, este passa a ser propriedade do Governo e a sua missão é gerar filhos através de um ritual, a “Cerimônia”, onde as Aias são forçadas a ter relações sexuais com os Comandantes, os quais são acompanhados por suas Esposas: “Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes” (Atwood, 1985, p. 118), deixando claro que as funções estabelecidas são construídas pelos dominantes e capazes de influenciar no comportamento aceito e executado pelas próprias Aias.

As mulheres também não têm autonomia sexual e as relações são somente para fins de reprodução, não existindo prazer ou qualquer tipo de escolha das Aias. É interessante compreender que os Comandantes também não têm espaço para qualquer tipo de prazer, sendo tudo puramente reprodutivo e automático: “Isto não é recreação, nem mesmo para o Comandante. Isto é trabalho sério. O Comandante, também, está cumprindo seu dever.” (Atwood, 1985, p. 116). O único objetivo a ser consumado é a Aia engravidar, o que gera outras formas de controle em relação a gravidez e ao parto, como os cuidados médicos extremamente rigorosos e o aumento da vigilância sobre corpos e comportamentos, objetivando que a mulher tenha a criança e esta nasça saudável para viver a vida com a família a que ela foi designada. Esses cuidados rigorosos são tomados porque a taxa de mortalidade materna e infantil pode ser alta por consequência da forma como as mulheres são tratadas no regime.

O que se vê claramente é que as relações de poder estão presentes em todos aspectos citados, em todas as formas de controle dos corpos e dos comportamentos dos moradores de Gilead, principalmente, das mulheres. Isso só é possível porque um importante passo para a constituição de um regime totalitário está na produção de discursos que atravessam a realidade de uma sociedade, gerando poder e controle sobre a ação dos indivíduos. Em Gilead, a produção de discursos serve para legitimar e sustentar o regime opressor instaurado, propagando uma narrativa de que a nação vive um caos tomado por pecado, corrupção e libertinagem. Essa produção discursiva atua como tecnologia de poder para a conformação de corpos e de subjetividades, operando regimes de verdade que instauram, reproduzem e naturalizam normas. Foucault evidencia que discursos não se colocam apenas como reflexo, mas também como instrumento constitutivo de realidades sociais, sendo mecanismos de controle que organizam os campos,

delimitando os espaços de práticas e de subjetivações, capturando sujeitos em redes de poder que os tornam simultaneamente alvos e vetores. Discursos totalitários, enquanto regimes de verdade, atuam como matrizes epistemológicas de dominação que sustentam a governança dos corpos e das populações, sendo ferramental importante para a instauração de regimes disciplinares e de gestão da vida.

No texto encontramos alguns exemplos de como se dá a manipulação do discurso em Gilead, como a falta de transparência e a censura são ferramentas para controlar a percepção da realidade. Como os meios de comunicação são escassos e o acesso deles limitado aos Comandantes, as informações recebidas pelos residentes são apenas as que são transmitidas de forma oficial: "Ninguém sabe o que realmente acontece. Eles nos dizem, mas não sabemos." (Atwood, 1985, p. 34). Podemos, então, traçar um paralelo com a ideia de regime de verdade de Foucault, para quem a verdade é um produto das relações de poder que se constituiu naquilo que os dominantes são capazes de propor e/ou impor.

Por fim, a resistência entra como um dos temas centrais da história de June, destacando-a de formas sutis e outras nem tanto, seja mantendo a sua memória viva com lembranças de como era a vida antes de Gilead ser instaurada, até como estabelecer relações com pessoas que podem lhe dar uma oportunidade de escapar do território. Além de June, outras Aias aparecem na narrativa para questionar, desafiar ou lutar contra o sistema, como é o caso de Ofglen, que é membro da Resistência do Mayday, um grupo secreto que opera para derrubar Gilead de dentro, mostrando que a resistência é tanto um processo de sobrevivência quanto um ato de reivindicação pela autonomia e pela dignidade humana, ao mesmo tempo que um ato de reconhecimento do sistema estabelecido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre conceitos e elementos de poder propostos por Michel Foucault revelam como a narrativa de Margaret Atwood é uma representação contundente de sistemas disciplinares e biopolíticos. Gilead exemplifica um regime onde o poder é repressivo e produtivo, moldando corpos, comportamentos e subjetividades por meio de dispositivos que se situam entre a repressão física e a ideologia, construídos por meio do discurso enquanto prática social. A vigilância constante, a divisão de papéis sociais rígidos e a internalização das normas são elementos que tornam visíveis a noção de poder como capilar e difuso, permeando todas as relações humanas, como o controle sobre o corpo das Aias e a apropriação de sua fertilidade como regulação pelo regime.

Ao mesmo tempo, o texto ilustra que, mesmo sob um sistema opressivo há espaços para resistência, como os pequenos atos de rebeldia de Offred e de outras personagens. Essas ações, ainda que sutis,

desafiam o poder estabelecido e reiteram a ideia foucaultiana de que onde há poder, há possibilidade de resistência.

Em síntese, *O Conto da Aia* não apenas materializa os conceitos de Foucault sobre poder, mas também amplia sua discussão, convidando o leitor a refletir sobre as dinâmicas sociais contemporâneas e os riscos de regimes autoritários. A obra alerta para a importância de questionar e resistir a estruturas de dominação que se naturalizam ao longo do tempo, reafirmando a relevância do pensamento crítico e da luta pela liberdade e dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 1985.

CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Oxford University Press, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.